

UM OLHAR SOBRE O HOMEM E O MEIO NO POEMA “O HOMEM DE LATA” DE MANOEL DE BARROS

José Antônio de Araújo Júnior¹
junioraraujo.lettres@ymail.com

Joranaide Alves Ramos²
nad.alvesramos@hotmail.com

RESUMO

A relação entre homem e natureza é vista, na maioria das vezes, como pura e imaculada na poesia de Manoel de Barros. Em contraponto, observamos a figura do homem moderno, que perde de vista sua sensibilidade e engrandece os engenhos capitais, alojando assim, as práticas capitalistas no meio em que vive. Por isso, buscamos entender através deste estudo, não apenas a natureza ambiental, mas também a humana, englobando as características do eu lírico e sua composição no poema “O Homem de Lata” inserido em *Gramática expositiva do chão* (1966), bem como a relação desse sujeito com a natureza externa e com o seu semelhante³. Ao fim do estudo compreendemos a importância da relação entre homem e meio, estabelecendo perigos e cuidados no que diz respeito ao meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo. Ecologia. Homem de lata. Manoel de Barros. Poesia.

ABSTRACT

The relation between man and nature is seen, most of the time, as pure and immaculate in the poetry of Manoel de Barros. As counterpoint, is observed the figure of the modern man, that loses sight of its sensibility and magnifies capital devices, thus housing the capitalist practices in the environment it lives in. Therefore, we seek to understand through this study not only the environmental nature, but also human's, encompassing the characteristics of the lyrical I and its composition in the poem “O Homem de Lata”, inserted in *Gramática Expositiva do Chão* (1966), as also the relation between this individual with the external nature and its neighbor. At the end of the study, Is comprehended the importance of the relation between man and environment, establishing dangers and cautions regarding the environment. .

KEYWORDS: Capitalism; Ecology; Manoel de Barros; Poetry; Sensibility

INTRODUÇÃO

A relação homem-natureza tem sido debatida e questionada ao longo dos anos. Estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como Gustave-N Fischer (1994), estruturam sua pesquisa no conceito básico da psicologia social do ambiente em que estamos inseridos,

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras Português e Respectivas Literaturas, da Faculdade Sete de Setembro – Fasete, localizada na cidade de Paulo Afonso – BA.

² Mestre em Estudos Literários pela UFAL, Professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – Fasete.

buscando avaliar as relações e as experiências dos indivíduos através do seu grupo social bem como o meio em que vive e interage com os demais.

Seguindo o pensamento de que somos moldados de acordo com o meio em que vivemos, podemos adentrar e analisar os aspectos sociais humanos, como trabalho, lazer, modo de vida, costumes e pessoas que constroem e alicerçam quem somos e o que representamos na sociedade em que vivemos.

O consumo desenfreado proposto pela sociedade atual é, hoje, um dos “motores mais potentes” dos movimentos socioculturais, no que diz respeito à vida social e pessoal dos indivíduos. Diariamente somos condicionados a cumprir o nosso papel rotineiro, exercendo nossas profissões e equilibrando esses compromissos com as responsabilidades individuais, como o cuidado com a casa ou o toque de recolher de nossos filhos.

Partindo do pressuposto de que vivemos duas realidades que se completam e ainda assim, são inteiramente diferentes, voltemos o olhar às expectativas mais básicas, como terminar o dia bem ou apreciar a nossa refeição favorita na hora do almoço ou jantar. Tarefas que não requerem um grande esforço físico ou psicológico, mas que são facilmente vistas nos dias de hoje como algo que beira o impossível e o ilógico.

Tal ponto de vista se dá principalmente ao capitalismo desenfreado, que tem, ao longo dos anos, determinado o modo de vida de muitos ao redor do mundo, criando de forma inerente ou proposital um desvio de valores, bem como com a ideia de sensibilidade, sua atribuição nesse meio social e a perda da mesma, gerando uma urgência de sensibilidade e a falta, cada dia mais, do humano enquanto ser.

O poema que analisaremos a seguir, “O Homem de Lata”, publicado em *Gramática expositiva do chão* (1966) e retirado da *Poesia completa* (2010, p. 127-130) de Manoel de Barros, representa de modo aparente, a perspectiva e ideia de lata, isto é, a disfunção do ser humano e a perda do orgânico na nossa sociedade. Analisaremos também a composição do eu lírico e sua percepção, procurando determinar a funcionalidade da perspectiva crítica social na poesia manoesca, e da natureza como cenário de desenvolvimento subjetivo do indivíduo.

1 POESIA MANOELESCA, O LUGAR DE SER INÚTIL E DESUTILIDADES TRANSVERSAIS.⁴

Manoel de Barros é tido pela crítica especializada, conhecedores das letras e admiradores do gênero poético como um dos mais importantes poetas brasileiros. Seu método

⁴ Título inspirado no documentário dedicado a Manoel de Barros “Só dez por cento é mentira (2008)”.

chama a atenção do sofisticado aos olhos mais simples, proporcionando uma experiência inclusiva que define bem o conceito da união pelas palavras, o desenvolvimento funcional pelo ato de ler; seja essa leitura referencial ou sem precedentes.

Sua simplicidade e atenção ao que o rodeava entrega-nos a possibilidade de mergulhar em seus pensamentos mais íntimos. “Maneco”, como era carinhosamente tratado pelas pessoas mais íntimas ou que, de alguma forma, passaram a cultivar o sentimento que muito se assemelha a um sentimento familiar, retrata a natureza e sua composição, no que diz respeito aos sentimentos humanos e aspectos sociais.

Uma das características mais marcantes de sua obra se dá a suas três infâncias, retratadas e conhecidas do público pela série *Memórias Inventadas*, *Memórias Inventadas II* e *Memórias Inventadas III*. Os livros foram lançados entre os anos 2005, 2006 e 2007 respectivamente. O autor tinha em mente escrever sobre sua infância, mocidade e velhice, mas após escrever o primeiro livro, se deu conta de que não vivenciou outra fase que não a infância, criando suas memórias e esclarecendo ao leitor que “só dez por cento é mentira”.

Manoel de Barros nasceu e cresceu no Mato Grosso do Sul, tendo contato desde pequenino com a natureza e seus insetos, que aos olhos do mesmo, eram maiores que o céu e o sol. O eu lírico visto em sua poesia demonstra amor pela terra e pelos bichos, pelas cores e pelas formas e é capaz de transformar água em cobra e ter diploma de doutor em formigas. Manoel, em sua poesia, preza pelas coisas pequenas e “inúteis”.

Mas suas desutilidades não estão relacionadas ao que é descartável ou sem valor, ao contrário; quando o eu lírico trata das desutilidades em sua poesia, associamos estas aos objetos que não tem valor capital, seguindo a premissa de que o melhor da vida não está à venda. Manoel foi espectador de uma época difícil e violenta, experimentou o amor e viu o mundo de uma maneira que poucas pessoas foram capazes, Manoel “transviu” o mundo, e o entendeu.

Como uma árvore, deu bons frutos, e nunca desistiu do sonho de voltar a terra onde nascera e vivenciara os melhores momentos de sua vida, foi advogado e poeta, mas também engenheiro. Criou um fazedor de amanhecer para “usamentos” de poetas, abriu as portas do “lugar de ser inútil” e nos permitiu conhecer o que a vida tem de mais bela.

Ensinou a muitos através da sua poesia sobre a importância da sensibilidade, que as plantas também choram e a terra sente dor; que o céu, tão sublime e infinito, vale tanto quanto os insetos que rastejam na terra, logo, merecem a mesma admiração e carinho, dizia que há

várias maneiras sérias de não dizer nada. Manoel “cresceu pra passarinho”, acreditando que só a poesia era verdadeira.

Observaremos no tópico seguinte a composição e a análise do eu lírico no poema “O Homem de Lata”, de Manoel de Barros, associando e identificando os fatores sociais e ambientais no poema. Apontaremos ainda, características e possíveis intertextualidades presentes em sua poética, que busca de forma aparente, a natureza e o homem como fontes de inspiração.

2 O EU LÍRICO DO POEMA “O HOMEM DE LATA”

A poética de Manoel de Barros apresenta uma grande diversidade crítica e cultural, pois é por meio de sua poesia, que o eu lírico observa e transpassa o mundo e os seres que o compõem. Através dela, o leitor é levado ao “desmundo” criado pelo autor, que busca a simplicidade e a natureza para a composição dos seus poemas.

O “lugar de ser inútil” é, por excelência, onde a mágica acontece. Lá, Manoel de Barros se permite buscar o que está por trás das coisas mais simples e cria um universo marcado pelo surreal, entendido sob uma perspectiva exótica, imaginária. Tendo em vista que, de modo aparente, o autor se utiliza de experiências e vislumbres de sua infância, ou, como o mesmo esclarece, infâncias, previamente vistas.

Em “O Homem de Lata” de Manoel de Barros, somos apresentados a um título que nos arremete a referência, intencional ou não, ao Homem de Lata, personagem do livro originalmente lançado em 1900, *O maravilhoso feiticeiro de Oz*⁵, além de encontrarmos semelhanças entre a essência da personagem do livro e o eu lírico do poema, como por exemplo, a ausência do orgânico.

Essa personagem, o Homem de Lata, era um lenhador que se vê enfeitado por uma bruxa, e após perder os membros em um acidente, tem partes do corpo substituídas por outras feitas de lata por um amigo. O sonho do homem de lata é ter um coração e voltar a sentir, um apelo claro à sensibilidade humana, que se volta cada dia mais para uma realidade robótica e enlatada.

Essa linha de pensamento é interessante porque incorpora aspectos funcionais na poética de Manoel de Barros, tais conceitos podem ser entendidos de acordo com a visão da relação no espaço como espaço vivido, como esclarece Gustave-N. Fischer em *Psicologia*

⁵ Originalmente *The wonderful wizard of Oz*, conto infantil escrito por L. Frank Braun. É o primeiro de uma série de catorze livros que retrata as aventuras da menina Dorothy Ventania (originalmente Dorothy Gale).

social do ambiente (1994, p. 38) “Uma outra forma de compreender a relação no espaço é a partir da maneira como o homem utiliza um lugar, como o trata afectiva e cognitivamente.”.

Seguindo a linha de pensamento de Fischer (1994), entendemos que o espaço que fundamenta a ótica poética de Manoel de Barros pode de alguma forma, apresentar características psicossociais e se alternam, de acordo com o grau de apego do homem para com o local de origem. Partindo desse pressuposto, podemos analisar a composição do ambiente e a constituição do eu lírico no poema de Manoel de Barros criando um ponto de ligação entre o eu lírico e os valores do próprio autor.

Tais características podem ser observadas ao longo da obra de Manoel de Barros, que se utiliza por excelência da natureza em seus poemas, em particular, “O Homem de Lata”, que elucida as mazelas da humanidade de forma poética e sensível, deixando aberta a linha de pensamento acerca dos temas contundentes da nossa sociedade, como o desmatamento, a fome, a ambição e a perda dos estímulos humanos: as emoções e os sentimentos.

Tais temas dizem respeito à relação do homem com a natureza e o enfraquecimento dessa relação pelo capitalismo, pelo consumismo, pela inerente falta de tempo, decorrente de uma sociedade cada dia mais voltada ao ganho material e pessoal. Daremos início à nossa leitura analítica do poema “O Homem de Lata” (2010, p. 127-130).

O Homem de Lata

O homem de lata
arboriza por dois buracos
no rosto

O homem de lata
é armado de pregos
e tem natureza de enguia

O homem de lata
está na boca de espera
de enferrujar

O homem de lata
se relva nos cantos

e morre de não ter um pássaro
em seus joelhos

O homem de lata
traz para a terra
o que seu avô
era de lagarto [...]

Nas primeiras estrofes do poema “O Homem de Lata”, observamos a perspectiva do eu lírico que retrata um homem de lata, que arboriza por dois buracos no rosto, que é armado de pregos, que está na boca de espera de enferrujar, que morre de não ter um pássaro em seus joelhos, que traz para a terra, o que o seu avô era de lagarto.

Se formos associar as descrições encontradas no poema às características humanas, encontraremos uma situação de uma aparente perda sofrida por alguém, não uma perda qualquer, mas algo que faz parte da essência do indivíduo, que compunha sua personalidade e caráter, uma vez que, são valores edificados e desenvolvidos através do meio em que se está inserido, e pelas pessoas com quem convive. Há, então, o que chamamos de perda da sensibilidade e a urgência pelo resgate da mesma.

Uma das grandes preocupações presentes na ótica do eu lírico de Manoel de Barros é justamente essa perda da sensibilidade e o comodismo que se distancia do bem estar do ser humano, da paz interior, da visão natural do mundo. Se abirmos um leque mais abrangente dessa composição artística que Manoel de Barros utiliza em seu ambiente poético, poderemos notar também uma visão sobre os fatores culturais, que desencadeiam um amontoado de costumes e valores obtidos no convívio com as pessoas presentes em seu cotidiano.

Como cita Antônio Augusto Arantes, em *O que é cultura popular* (2004, p. 35), “A cultura é constituída de sistema de símbolos que articulam significados [...] produtos de homens reais, que articulam, em situações particulares, pontos de vista.”, ou seja, trata-se, aparentemente, da ótica pessoal de um indivíduo, nesse caso, o autor Manoel de Barros, acerca da sua visão globalizada mediante as experiências vivenciadas ao decorrer da sua vida.

E é a vida vista pelos olhos do eu lírico, os olhos são tidos como “janelas da alma”, mas no poema, são retratados como buracos, buracos que por sua vez, apresentam o abismo em que vivemos, cegos, à premissa de um falso moralismo e desenvolvimento, sem nos darmos conta de que caminhamos para um futuro incerto, e sem luz (ausência dos olhos, da visão).

É armado de pregos, pregos são paradoxos, ou sustentam algo, ou ferem alguém, voltando-se para o contexto do poema entendemos que se trata da perfuração sofrida pelo homem de lata, que é armado, ou seja, que o sustenta, e ao mesmo tempo o fere. São justamente esses “pregos” sociais que desempenham o papel da ilusão no que diz respeito ao fatídico desinteresse pela atual situação ambiental.

Situação essa, a nosso ver, tão defendida e representada pelo autor, Manoel de Barros em sua poesia. O homem de lata está na boca de espera de enferrujar, e a ferrugem não tem

serventia, é maligno e traz em sua composição doenças, mazelas. A ferrugem destrói o metal lentamente, um veneno ameno que “mata” de forma implacável e avassaladora, aqui, não há luta por parte do “homem”, apenas espera por parte da “lata”.

Nas duas últimas estrofes apresentadas podemos encontrar duas perspectivas que se interligam, aparentemente, e se transformam no que mais tarde, poderá ser entendida como a transgressão da terra. O eu lírico fala sobre ser incapaz de sentir pássaros nos joelhos e sobre trazer para a terra o que o seu avô tinha de lagarto.

Para compreendermos a funcionalidade linguística do poema devemos, antes de tudo, ver o que está além das palavras escritas, sentir a composição e o sistema ótico utilizado pelo autor. Uma das perspectivas marcantes e deliberadamente uma característica de Manoel de Barros, trata-se da suposta simplicidade em sua composição, quando na verdade é deveras requintado e coberto de sarcasmos e ironias.

Quando o eu lírico trata do fato de que o homem de lata “morre de não ter um pássaro em seus joelhos”, ele trata novamente da perda do toque, do sentir, que nada mais é que a perda da sensibilidade humana, de tornar-se tão máquina a ponto de ser incapaz de sentir algo tão puro e livre como um pássaro, e ironiza, dizendo que o “Homem de Lata” traz para a terra o que o seu avô tinha de lagarto.

Mas o seu avô não era lagarto, era homem, que pertenceu a uma época distante, já que se trata de uma sentença que está no passado (era); logo, construímos uma perspectiva na qual temos o homem de lata e a terra, e o quanto este homem é inútil para o desenvolvimento dessa terra, ele não pode trazer algo que não era e/ou que não existe, ou seja, ele não traz nada, ele é vazio. Assim são os bens materiais, vazios, impuros, ainda que necessários, contanto que não ultrapassem a importância do que não é material, do que não é de lata.

Observamos ainda o “desinteresse” pela gramática formal e a ideia de um poema que não se limita ao papel, sem pontos, sem vírgulas. O uso da natureza, ou seja, do ambiente em que o autor Manoel de Barros viveu e foi criado com valores que arremetem ao cuidado, e a admiração pela própria natureza, e a vida que foi composta por intermédio da mesma.

Fortalecendo a teoria previamente apresentada acerca da cultura, dos valores, das pessoas e dos costumes sociais de um indivíduo, observando como estes se manifestam e se compõem em sua vida e obra, no caso de Manoel de Barros, como o eu lírico é composto, interpretado e visto pelo leitor, se utilizando desses preceitos como algo fundamental e único, pessoal. Podendo assim, abrir espaço para que o leitor possa diferenciar o seu trabalho de

composição do de outros autores que, por ventura, retratem de alguma forma o meio em que viveram e/ou os valores que obtiveram no decorrer de suas vidas.

2.1 O homem, o meio, a lata

Continuando nossa leitura, levaremos em consideração alguns aspectos que se fazem necessários para uma melhor compreensão sobre a perspectiva capitalista vivenciada nos dias atuais. Como já vimos, o capitalismo tomou um espaço considerável na vida do homem, essa prática, deve-se, sobretudo ao fato da não obtenção de uma suficiência financeira ou simplesmente, ao vício e alcunhas que atendem pela tão conhecida ambição humana.

Veremos a seguir uma citação retirada do livro *O que é capitalismo* (2004) de Afrânio Mendes Catani, que defende a ideia de que somos seres capitalistas antes de tudo, e que tal conceito se dá pelo fato de estarmos sempre empreendendo, isso nada mais é que a situação em que o capitalismo torna-se civilização.

Em A ética protestante e o espírito do capitalismo e em sua História Geral da Economia, Max Weber objetivou compreender o capitalismo como civilização – a civilização do moderno mundo ocidental [...] Comenta também que mesmo a empresa capitalista e o empreendimento capitalista existiam de longa data e em toda parte. (apud WEBER, Max. p. 10-11) [grifos do autor]

Catani (2004) chama a atenção para o fato de que tais atitudes capitalistas existem há muito tempo e em toda parte, dessa forma, somos capazes de identifica-la e reconhece-la no meio em que estamos inseridos e também no meio em que não estamos inseridos, ou seja, não se faz necessária uma convivência diária com um indivíduo para associar seus costumes a uma vida capitalista regada pelo consumismo inerente às civilizações elitizadas.

Com isso buscamos defender e embasar a nossa teoria previamente apresentada acerca do papel do eu lírico na poesia manoesca e como essa está relacionada aos valores de sua vida pessoal, desse modo, prosseguimos com a análise do poema “O Homem de Lata”, mesclando os aspectos do capitalismo, como o consumismo, o descuido ecológico, a (relativa) falta de tempo, com os aspectos da poesia manoesca, que se encarrega de ser oposta a todo esse processo desgastante, condicionado sob uma falsa perspectiva de vida moderna.

É pensando nisso que por vezes deixamos passar alguma oportunidade de desligamento do solo material, somos incapazes de nos desprender das máquinas; celulares,

computadores etc. Vivemos presos a uma visão de mundo que se torna mais destrutiva do que qualquer outra coisa. Devemos então expandir a nossa visão e compreender a utilidade das coisas inúteis, como ensina Manoel de Barros em sua poesia: “é preciso transvê o mundo...”. Gaston Bachelard (2008) defende em *A poética do espaço* a importância e a magnitude da natureza, o quanto nós, seres humanos, deixamos passar despercebida a sua beleza e importância, observemos.

A natureza tem uma maneira muito simples de nos surpreender: é fazer as coisas grandes. [...] vemos a natureza traçar um imenso sonho de proteção, um delírio de proteção e chegar a uma monstruosidade da proteção. [...] Mas a natureza pode muito bem fazer coisas grandes. O homem as imagina facilmente ainda maiores. (p. 94)

Seguindo o pensamento de Bachelard (2008) e mesclando esse aos aspectos já discutidos na poesia manoesca, observamos que o autor, Manoel de Barros, tem uma visão, que muito se assemelha à visão de Bachelard, sua ótica acerca da natureza trata justamente da sua grandeza, mesmo nas pequenas criações, como formigas e insetos.

A problemática surge e é abordada no poema “O Homem de Lata” pelo não respeito do homem para com a natureza, o que desencadeia um desequilíbrio moral e social, não deixando espaço para o desenvolvimento de ambas as partes, porque apesar de conviver com os avanços tecnológicos e afins, não há homem sem Terra, e não há Terra sem natureza. Continuemos com a nossa análise do poema “O Homem de Lata”, buscando fortalecer os nossos conceitos sobre a natureza e o homem, o meio e os seus valores sociais.

[...] o que sua mãe
era de pedra
e o que sua casa
estava debaixo de uma pedra

O homem de lata
é uma condição de lata
e morre de lata

O homem de lata
tem beirais de rosa
e está todo remendado de sol

O homem de lata
mora dentro de uma pedra
e é o exemplo de alguma coisa
que não move uma palha

O homem de lata
é um iniciado em abrolhos

e usa desvio de pássaro
nos olhos

No homem de lata
amurrou-se uma lesma
fria
que incide em luar

Para ouvir o sussurro
do mar
o homem de lata
se inscreve no mar

O homem de lata
se devora de pedra
e de árvore [...]

Voltemo-nos agora para a condição imposta pelo eu lírico ao “homem de lata”, que é uma condição de lata e morre de lata e aproveitamos para destacar também, as constantes citações as pedras, que são retratadas ora como um suposto lar, ora como a inércia que define bem o contexto de pedra. Essa condição do homem da nossa sociedade é a inércia e a aceitação que este abraça e agrega aos seus valores básicos.

Como falamos ao início do estudo, estamos cada dia mais fadados e dependentes do “ter”, esquecendo, sem nos darmos conta, do “ser”. A impossibilidade de agirmos em prol de algo ou alguém sem ganhos próprios beira a raridade, novamente encontramos um caminho onde a sensibilidade já não existe e é aí onde nos tornamos o “homem de lata” do poema.

Essa condição exige que sigamos uma pauta que condiga com os avanços sociais e culturais, perdendo de vista o verdadeiro sentido da evolução. Nós seguimos as máquinas quando deveríamos conduzi-las, e objetivamos nossas metas na simples possibilidade de podermos adentrar nesse mundo de lata, é uma condição de lata, que morre de lata.

As pedras são os polos opostos, são vistas como construtoras de um lar, que nos arremete a lugar na qual cultivamos algum sentimento íntimo, mas são também as “pedras” sociais, que bloqueiam o caminho, que se recusam a observar o mundo com os olhos de um bem comum e se perdem na inércia da espera, como observamos nas primeiras estrofes, está “na boca de espera de enferrujar” e a ferrugem é de modo aparente, o descaso e o descompromisso com as próprias causas do descuido ambiental.

Esse descuido que pode ser observado no momento em que o eu lírico chama a atenção para o fato de que o homem de lata é o exemplo de alguma coisa que não move uma palha. “Coisa” e “palha” representam aparentemente a forma indefinida com que nós, seres humanos, zelamos do nosso tesouro maior, a natureza, que por sua vez, não é eterna.

Podemos perceber ainda que o eu lírico elucida o fato de que o homem de lata se devora de pedra e de árvore. Ligando essa passagem ao conceito da pedra “lar” e o ambiente representado pela árvore, temos uma clara referência à perda de valores (quando se refere ao lar por intermédio das pedras) e ao desmatamento, um dos problemas mais graves enfrentados pela natureza e pelas ONGs que defendem o meio ambiente.

O humano é um dos seres mais complexos presentes na biodiversidade do mundo, incluindo bactérias e insetos, vírus e afins. Tal conceito se dá pelo fato do constante paradoxo em que se encontra, por um lado, deseja veemente se desenvolver e lançar-se ao mundo com novas perspectivas de vida e crescimento rentável, mas é desequilibrado e se perde em suas ambições, desconstruindo a ideia do desenvolvimento e deturpando o contexto do mesmo.

Yi-Fu Tuan (1983) nos explica em *Espaço e lugar* um pouco sobre o desenvolvimento e a dificuldade do ser humano em reconhecer as necessidades do seu próprio corpo, levando-nos a questionar de que forma podemos chegar a uma pauta concisa e benéfica, que não agrida nem desconsidere o menor dos insetos, que tem a sua importância constatada no meio em que vive. Tuan afirma em sua pesquisa que “Os filhotes de mamíferos aprendem rapidamente a andar, a exceção é o homem. Sua habilidade espacial se desenvolve lentamente [...] o conhecimento espacial vem bem depois.” (p. 10).

Ou seja, o ser humano está condicionado a uma lenta experiência de desenvolvimento, é necessária que haja uma preparação da mente antes que se tome uma atitude física, esse conceito é visto no poema e acontece no momento em que o eu lírico chama a atenção do leitor, para que “ouça o sussurro do mar”, ou seja, que se utilize da mente, da percepção, podendo ser entendida como uma súplica, um pedido de socorro.

Para tanto, se faz necessário que estejamos em contato com esse mar, que nos conectemos a ele, que sejamos parte dele. O ser humano é, no final das contas, animal racional e deve fazer jus ao título.

[...] O homem de lata
é um passarinho
de viseira:
não gorjeia

Caído na beira
do mar
é um tronco rugoso
e cria limo
na boca

O homem de lata

sofre de cactos
no quarto

O homem de lata
se alga
no Parque

O homem de lata
foi atacado de ter folhas
e se arrasta
em seus ruídos de relva

A rã prega sua boca
irrigada
no homem de lata

O homem de lata
infringe a lata
para poder colear
e ser viscoso

O homem de lata
empedra em si mesmo
o caramujo

O homem de lata
anda fardado de camaleão

O homem de lata
se faz um corte
na boca
para escorrer
todo o silencio dele

O homem de lata
está a fim
de árvore

O homem de lata
é um caso
de lagartixa

O homem de lata
é resto anuroso
de pessoa

O homem de lata
está todo estragado
de borboleta

O homem de lata
Foi marcado a ferro e fogo
Pela água.

Nas últimas estrofes do poema “O Homem de Lata”, observamos de certa forma, um retorno do “homem de lata” à natureza, o eu lírico trabalha a ideia de que a natureza é onipresente quer queira, quer não, independente do quanto sejamos povos evoluídos, não haverá real desenvolvimento se não houver o cuidado e a atenção para com o meio ambiente.

Observamos aqui a proposta acerca da urgência da sensibilidade. Durante todo o poema, nós leitores, somos colocados de frente com a perspectiva de uma aparente falta de sensibilidade e o resultado é justamente a perda maior do que nos definem por humanos, nossas emoções.

São essas emoções que solidificam a razão, o homem de lata vai morrendo aos poucos, enferrujado, vendo a vida e a natureza passar sem mais nada poder fazer, restando-lhe apenas o sentimento de perda, uma melancolia que se apropria do mesmo e está relacionada à perda da sua humanidade, uma vez que o “homem de lata” compreende a sua situação de retrocesso, já não lhe cabe mais voltar atrás e reconstruir-se, pois não há o que ser reconstruído, não há um coração, há apenas a lata.

Podemos observar essa prisão em que se encontra o eu lírico quando este menciona: “O homem de lata é um passarinho de viseira: não gorjeia”, a figura do pássaro representa a liberdade, a possibilidade tão sublime de tocar o céu, voar sem aparelhos, sem o uso restrito de máquinas. Mas o pássaro que está sendo comparado ao homem de lata não gorjeia, e se arrasta, na esperança de poder reencontrar-se, de encontrar a sua redenção.

Essa suposta redenção pode ser evidenciada no momento em que ele, o “homem de lata”, infringe a lata, ou seja, quando quebra os paradigmas que o ligavam a essa falta de humanidade, essa falta de sensibilidade que o levou ao ponto em que se encontra. Ele se liberta para poder colear, ou seja, deslizar como uma serpente, arremetendo novamente a sua condição à natureza.

Nas últimas seis estrofes do poema, somos apresentados a um homem de lata que se diferencia do homem de lata do início do poema, observamos que ao início, o eu lírico retrata um homem de lata que “espera”, aqui, encontramos um homem de lata que quebra o silêncio e que retorna à natureza. A ideia é a de um reencontro, podendo ser assemelhado ao “Filho pródigo”, parábola da Bíblia Sagrada, o filho decide abandonar o lar na tentativa de “ser” para o mundo o que a sua ambição deseja, sem sucesso, retorna à casa dos pais e é recebido com abraços e comemorações, tendo aprendido a sua lição.

O “homem de lata” se esbalda na natureza após infringir a sua condição de lata, ele está “todo estragado de borboleta” e finaliza, com a imagem de ter sido “marcado a ferro e

fogo pela água”. Novamente somos condicionados a passagens bíblicas, o eu lírico “batiza” o homem de lata e o abraça em seu leito, aqui, findam-se as perdas e os erros, abrindo espaço para um recomeço certo, a proposta da redenção e uma nova condição, o homem e a natureza se entendem e se cuidam como iguais. Uma relação de amor, um amor que muito se assemelha ao amor familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos o presente estudo com a perspectiva da relação entre a natureza e o homem, que devem condicionar uma convivência de cuidado e carinho não é incomum observamos em jornais, casos de desmatamento ou incêndios florestais, somos hoje, uma sociedade que acaba caindo no comodismo do “não está acontecendo”, “os rios não vão secar”, “o pantanal não vai morrer”, “os bichos não serão extintos” etc. Quando na verdade, corremos grandes riscos ambientais e sociais.

Funcionamos e estamos ligados a uma rede que por sua vez, se liga a todas as demais questões que julgamos sem importância. O poema “O Homem de Lata” de Manoel de Barros nos arremete a um grito de socorro por parte não apenas do homem, que descobre “quase” tarde demais o quanto perdeu, mas também da natureza, que se vê numa posição de vulnerabilidade aos maus tratos e descuidos do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2008. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>> Acesso em 23 de out. de 2014.

BARROS, Manoel de. O Homem de Lata in: **Poesia completa**, 2010.

_____. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros, 2010.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FISCHER, Gustave-N. **Psicologia social do ambiente** – perspectivas ecológicas. Instituto Piaget, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. 1983. Disponível em: <<https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf>> Acesso em 27 de out. de 2014.